

A Sociologia da Religião de Lísias Nogueira Negrão: Pequeno esboço de uma trajetória acadêmica¹

*Marcelo Ayres Camurça**

No dia 08 de novembro de 2015 fomos surpreendidos com a notícia do falecimento do sociólogo da religião Lísias Nogueira Negrão. Cheguei a ler no Facebook tocantes depoimentos de seus alunos e colegas, particularmente o de Francirosy Campos que foi sua aluna na USP e o de Leonildo Silveira Campos que partilhou com ele atividades acadêmicas na cidade de São Paulo, em participações cruzadas em bancas de seus orientandos na UMESP e na USP.

Singularmente por volta do dia de seu passamento, desconhecendo totalmente a notícia, em um curso por mim oferecido para alunos dos mestrados em Ciência da Religião e em Ciências Sociais, estávamos discutindo um texto seu: “Sobre os deuses que nunca se foram: somos encantados ou desencantados?” que eu tinha selecionado para a bibliografia do curso. Texto, por sinal extraído de um livro em homenagem - também pelo seu falecimento - a outro mestre e amigo: Antonio Gouvêa Mendonça. A obra intitulava-se “Ainda o sagrado selvagem; homenagem a Antônio Gouvêa Mendonça”, pela Fonte Editorial/Paulinas em 2010, onde, tinha eu também escrito um capítulo.

No seu texto, Lísias Negrão, de uma forma muito criativa, trabalhava a realidade religiosa no Brasil a partir dos conceitos ideal-típicos weberianos, para mostrar que se podia combinar “encantamento” com “secularização” para o nosso caso. Ele que foi um estudioso rigoroso da obra de Weber, mas também autor que contemplava as religiões populares no Brasil, deixando a conhecida obra “Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo” (1996), operava com noções dos clássicos da sociologia da religião, mas de forma inovadora e respeitando as mediações das realidades observadas, como o caso do panorama religioso brasileiro.

* Antropólogo da religião, Professor Titular no Departamento de Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pesquisador, bolsista de produtividade do CNPQ, nível 02. E-mail: mcamurca@terra.com.br

Neste ensaio, engenhosamente, Negrão afirmava que no Brasil do ponto de vista de seu campo religioso, nunca houve “desencantamento” à moda weberiana e as religiões que povoavam o imaginário dos brasileiros sempre foram “encantadas”, recobrando desde o catolicismo popular, as religiões afro-brasileiras, ao kardecismo, aos esoterismos e aos recentes neo-pentecostalismos, movimentos carismáticos e *new agers*. Todos estes atravessados por intervenções milagrosas dos Santos, “manifestações do Espírito Santo, exorcismos, resoluções mágicas para os males da vida (...) incorporações, práticas mágicas e divinatórias (...) misticismos, mantras, meditações, curas mediante imposição de mãos, utilização de florais e pedras, etc.” (2010, p. 150). Por outro lado, Negrão também afirmava que a sociedade brasileira era “evidentemente secularizada” mediante a separação do Estado das religiões existentes, da garantia da liberdade religiosa e do conseqüente pluralismo de crenças. Da mesma forma, a mentalidade da população se adequa às mediações dos padrões reguladores da economia, política, educação e ciência como forma de organizar a vida social, embora o acionamento a uma “ajuda espiritual” esteja sempre no horizonte como último recurso alternativo aos meios mundanos (2010, p. 151-152).

Foi uma coincidência do destino, o fato utilizar um texto seu para análise e discussão com meus alunos, justamente em torno do dia em que se deu sua passagem. Este episódio terminou funcionando como uma homenagem não intencional a Lísias Nogueira Negrão, aluno de Maria Isaura Pereira de Queiroz e colega de Duglas Teixeira Monteiro, de quem herdou o Centro de Estudos da Religião na USP, onde ele pesquisou e foi referência para seus pares e alunos.

Passo em seguida a uma breve descrição do percurso intelectual e acadêmico de Lísias Negrão. Embora lembre que colaboradoras e parceiras mais estreitas, que privaram com ele em distintas pesquisas e projetos, possam fazer uma resenha mais abalorada e precisa de seu percurso intelectual. Lembro aqui de Josildeth Consorte, que escreveu com ele, o texto “Borboletas Azuis de Campina Grande: um movimento messiânico malogrado” (1984) e Maria Helena Villas Boas Concone, que foi co-autora com ele de “Umbanda: da repressão a cooptação – o envolvimento político-partidário da umbanda paulista nas eleições de 1982” (1984). Lembro ainda de Luiz Roberto Benedetti que foi seu orientando no mestrado e doutorado em 1991, com uma tese onde no micro-universo de cidade de Campinas se descortina as tendências que acompanham o campo

religioso brasileiro, e ainda daquele que foi o seu último orientando, o sociólogo Flavio Munhoz Sofiati, com uma tese sobre religião e juventude.

Breve descrição do percurso acadêmico de Lísias Negrão

Lísias Negrão fez sua trajetória acadêmica sempre ligada à Universidade de São Paulo (USP), onde cursou sua graduação em Ciências Sociais (1967), uma pós-graduação *stricto sensu* no mesmo curso (1969) e seu doutorado (1973), sob a orientação de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Na mesma instituição, foi contratado para o Departamento de Sociologia (1970), onde obteve o título de Livre Docência (1993) e o de Professor Titular (2003) e nela permaneceu até sua aposentadoria em 2009. No seu Memorial para o concurso de titular, ele remarcou esta pertença e ligação de longo curso com a universidade: “Tenho já 39 anos de USP, 06 como aluno e 33 como docente” (2003, p. 2).

Essa ambiência “uspiana” está presente no capítulo escrito por ele, mencionado acima, para o livro em homenagem ao sociólogo do protestantismo Antônio Gouvêa Mendonça (2010). Neste capítulo Lísias Negrão relatou o choque que teve com a precoce morte do renomado professor/pesquisador da USP, Duglas Teixeira Monteiro, em 1978, de quem era colaborador e assistente de pesquisa no Centro de Estudos da Religião (CER) desta instituição (que depois tomou o nome deste professor), assim como, o encargo que esta situação funesta legou a ele: assumir as orientações de pós-graduação em curso do professor Duglas Teixeira Monteiro. Embora estes orientandos (dentre eles, Antonio Gouvêa Mendonça) tivessem sugerido seu nome para a substituição, ele hesitou, por se julgar sem a experiência necessária, mas aceitou no cumprimento da missão que, dentre outras resultantes, redundou no já clássico trabalho de Mendonça: “O Celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil” (1995), defendido inicialmente como sua tese de doutorado, que levou o timbre da orientação de Lísias Negrão (2010, p. 131-132).

Ainda no seu Memorial para professor titular, Lísias Negrão registra três grandes ciclos na sua trajetória intelectual, “o ciclo messiânico”, o “ciclo afro brasileiro” e o “ciclo do trânsito e multiplicidades religiosas”, que corresponderam ao seu doutorado, a sua Livre Docência e ao projeto integrado que coordenava na época “Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado”, financiada pela FAPESP. Do primeiro ciclo, redundou sua tese “Um movimento

messiânico urbano: messianismo e mudança social no Brasil”, publicada em 1984 pela USP com o título de “Messianismo no Brasil contemporâneo”. Do segundo ciclo, sua tese de livre docência, talvez sua obra mais conhecida, “Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo”, publicada pela Edusp, em 1994. O fim do terceiro ciclo resultou o conhecido artigo, com o mesmo nome do projeto, publicado no número comemorativo de “Religião e Sociedade” nos 20 anos da revista.

Dentre suas diversas atividades acadêmicas deve-se ressaltar a colaboração de Lísias Negrão com a revista “Religião e Sociedade” do ISER no Rio de Janeiro, representando o CER numa parceria que remonta aos tempos de Duglas Teixeira Monteiro, primeiro diretor do Centro de Estudos. Nesta condição, Lísias foi conselheiro da revista desde seus primórdios no final dos anos 1970. Já no número 4 da publicação em outubro de 1979, ele se encontra integrando seu Conselho de Redação. Este volume da revista homenageava Duglas Teixeira Monteiro, um dos fundadores da revista em maio de 1977. Lísias Negrão tem um artigo na seção de homenagem a Duglas Monteiro intitulado “A crítica de Duglas Teixeira Monteiro à Sociologia da Religião de Roger Bastide” (1979, p. 31-36). O CER era, junto com o ISER, as duas entidades mantenedoras da revista, portanto, com a morte do seu fundador e presidente, Duglas Monteiro, Lísias Negrão passa a assumir a coordenação deste Centro de Estudos na USP e desta forma, a representação anteriormente exercida por Duglas Monteiro no Conselho de Redação de “Religião e Sociedade”.

A revista comemorativa dos 20 anos estampou no seu editorial uma problemática: “Religião e Sociedade, o que mudou nestes últimos 20 anos?” (1997, p. 5). Para responder esta pergunta destacando a “vida pregressa” e “perspectivas futuras” da revista, vários autores se debruçaram sobre panoramas e balanços dos enfoques teóricos sobre as principais correntes do campo religioso brasileiro: o “catolicismo popular”, as religiões afro brasileiras e os pentecostalismos. Coube a Lísias Negrão, um texto que sintomaticamente abordava uma tendência que gradativamente tomava conta das análises sobre um fenômeno religioso contemporâneo, como indicado no editorial da revista: “o múltiplo pertencimento religioso” (1997, p. 6). Este artigo intitulado “Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado” (1997, p. 63-74) tornou-se uma referência para os estudos de uma nova realidade que se descortinava

para as pesquisas em Ciências Sociais da religião, o “trânsito religioso” e as “pertencas múltiplas”.

Lísias Negrão se dedicou ao longo dos anos 1990 a organizar e dar continuidade junto com Maria das Dores Campos Machado e Cecília Mariz, esta sendo posteriormente substituída por Joanildo Burity, ao Grupo de Trabalho (GT) da ANPOCS sobre “Religião e Sociedade”.

Da mesma forma esteve envolvido com as Jornadas da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM) desde 1998 até 2003 quando a USP junto com a Universidade Mackenzie sediou o evento. Naquela oportunidade junto com Reginaldo Prandi, Antonio Flávio Pierucci e Paula Montero, compôs a comissão organizadora da Jornada.

Para os que conviveram com ele no Departamento de Sociologia da USP, no CER e nas atividades acadêmicas dos congressos, seminários, etc., são muitos depoimentos acerca de sua dedicação aos projetos em que se engajava, sua conduta afável e respeitosa para com alunos, funcionários e docentes. De seus colegas do ISER e da revista “Religião e Sociedade” fica a lembrança de sua presença intelectual.

Para findar este breve relato de homenagem, gostaria de dizer que “Lísias” é um nome que soa enigmático ou diferente. Na verdade era o nome de um renomado orador grego, contemporâneo de Sócrates, que aparece citado nos Diálogos de Platão, na Politéia e no Fedro. Nunca tive oportunidade de perguntar ao nosso Lísias, o porquê da escolha deste nome por seus pais. Mas intuo que Lísias Negrão tinha consciência das dificuldades da inteligibilidade do seu nome para com alunos e gente ao seu entorno. O episódio – um tanto prosaico para um texto acadêmico, mas tolerável no registro de uma homenagem – que passo a narrar, dá conta desta consciência e do jeito tranquilo e possuidor de muito *fair play* para encarar esses impasses.

Lísias Negrão, ao contrário de tantos outros colegas, quando se aposentou cortou os laços com a universidade, a quem tinha dedicado por mais de 30 anos de vida acadêmica, se retirando para sua pacata cidade no interior de São Paulo. Minha última lembrança dele foi numa banca de doutorado na UERJ de um orientando de Cecília Mariz, o nosso hoje colega, o sociólogo Paulo Gracino do IUPERJ. Também estava na banca nossa saudosa Clara Mafra, que nos deixou tão cedo em plena beleza de sua juventude e vigor do seu pensamento.

Almoçamos juntos – eu, Lísias e Cecília. Na ocasião tive a oportunidade de retomar a questão da obscuridade e enigma relativo ao seu nome. Disse a ele que meus alunos frequentemente sempre se confundiam, achando que seu nome era um nome de mulher e que se tratava de uma autora. E ele acrescentou que esse não era todo o problema com a identificação de seu nome, e que recentemente no clube que frequentava na sua cidade no interior de São Paulo, tinha resolvido, para evitar mais impasses com o nome, optar pelo sobrenome: “Negrão”. Mas na fila da senha para o restaurante do clube, quando chegou a sua vez, o atendente gritou: “Negão!”. E ele me disse “aí eu desisti de vez!”.

Histórias para se contar! Lembranças de Lísias Negrão...

Referências Bibliográficas

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pendão Real, 1995.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. A crítica de Duglas Teixeira Monteiro à Sociologia da Religião de Roger Bastide. *Religião e Sociedade*, n. 4, p. 31-36, 1979.

_____. *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984.

_____. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado. *Religião e Sociedade*, 18/2, p. 63-74, 1997.

_____. *Memorial*. Apresentado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo para concurso público de professor titular, junto ao Departamento de Sociologia, (mimeo), 2003.

_____. Sobre os deuses que nunca se foram. In: Adailton Maciel Augusto (org.). *Ainda o Sagrado Selvagem: homenagem a Antônio Gouvêa Mendonça*. São Paulo: Paulinas e Fonte Editorial, 2010, p. 131-154.

_____. & CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Umbanda: da repressão a cooptação. O envolvimento político-partidário da umbanda paulista nas eleições de 1982. In: *Umbanda e Política*, Cadernos ISER n. 18, p. 43-79, 1984.

_____. & CONSORTE, Josildeth. Borboletas Azuis de Campina Grande: um movimento messiânico malogrado. In: *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FFLCH/USP, 1984.

¹ Agradeço a Reginaldo Prandi do Departamento de Sociologia da FFLCH da USP e a Leci Reis secretária deste Departamento por terem me encaminhado o Memorial do concurso de Professor Titular de Lísias Nogueira Negrão